



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita à
fábrica da Fiat Automóveis em Betim/MG**

Betim, MG, 19 de março de 2004

Meu caro amigo, governador de Minas Gerais, Aécio Neves,
Senhor Vincenzo Petrone, embaixador da Itália no Brasil,
Senhor Giuseppe Morchio, superintendente mundial da Fiat,
Meu caro companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento
Social e Combate à Fome,

Meu caro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria
e Comércio Exterior,

Meu caro Walfrido Mares Guia, ministro do Turismo,

Meu caro Ciro Gomes, ministro da Integração Nacional,

Meu caro senhor Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da
Presidência da República,

Meu caro Fernando da Mata Pimentel, prefeito de Belo Horizonte,

Meu caro Carlaile Pedrosa, prefeito de Betim,

Está aqui também o nosso companheiro Carlos Wilson, presidente da
Infraero,

Meus amigos da Direção da empresa,

Deputados, prefeitos, convidados,

Meus companheiros e companheiras trabalhadores e trabalhadoras da
Fiat,

Eu dediquei parte da minha vida a uma fábrica, vestido de macacão
como vocês estão.

Foi dentro de uma fábrica que eu adquiri consciência política para
compreender que a política precisava de mudanças no nosso país. Foi a partir



de uma fábrica que eu virei dirigente sindical e tive o prazer e o orgulho de viver o melhor momento da História do movimento sindical brasileiro, sendo, depois, presidente do sindicato.

Vivi no sindicato numa época em que a palavra desemprego não era utilizada. Vivi no sindicato numa época em que o máximo que nós discutíamos era a palavra rotatividade de mão-de-obra, era o trabalhador que saía de uma empresa e logo entrava em outra, porque tínhamos muito emprego. Hoje, vivemos uma situação mais difícil, o emprego já não é tão abundante como naquela época, e é preciso que saibamos que, além das questões econômicas do país, além do pouco dinheiro para investimento, nós temos os avanços tecnológicos que são imensos e que, muitas vezes, faz com que uma fábrica produza muito mais, precisando de menos trabalhadores.

E não podemos reclamar, porque durante muito tempo, eu me lembro quando foi implantado o primeiro robô na indústria automobilística, no ABC paulista, a nós quase fizemos guerra para combater o robô. O robô venceu e, hoje, está implantado em toda a indústria automobilística, melhorando, possivelmente, até a qualidade dos produtos que fabricamos e, muitas vezes, tirando o trabalhador de atividades que não são condizentes com a própria saúde do trabalhador brasileiro.

Quando eu entrei na Fiat, disse à direção da empresa e aos trabalhadores que me receberam que há uma mudança excepcional entre o tempo que eu vivi dentro de uma fábrica e o tempo que vocês estão vivendo agora.

A gente percebia o orgulho com que os trabalhadores falavam do trabalho deles na Fiat, de saberem que estão trabalhando, que têm parentes seus aqui dentro e, por isso, conquistaram a cidadania de ter um emprego com carteira profissional assinada e todos os seus direitos respeitados.

No meu tempo não era assim. No meu tempo – e já faz muito tempo – havia muito mais confronto das duas partes. Não que os trabalhadores fossem



melhores e, os empresários, piores. Havia um antagonismo estabelecido no cotidiano da nossa relação.

E quando eu chego, aqui, na Fiat, e encontro algumas crianças vestidas com uma camisa “Esportista Cidadão” e percebo a quantidade de projetos sociais com os quais a empresa está envolvida, e percebo o carinho com que os trabalhadores olham os produtos que eles produziram – que são os carros – eu chego à conclusão de que o mundo mudou para melhor. De que o mundo mudou para ser mais civilizado e permitir que as pessoas convivam com muito mais liberdade e com muito mais tranquilidade.

Quando assumi a Presidência da República, eu tinha clareza dos compromissos que assumi com a sociedade brasileira e, sobretudo, com os trabalhadores brasileiros. E cada vez que eu tenho uma dificuldade, eu fico rememorando o que aconteceu na minha vida ao longo de tantos anos.

Eu me lembro que quando casei com a minha mulher, Marisa eu disse a ela que um ano depois eu iria comprar uma casinha, mesmo que fosse pequena, e quando venceu o ano eu não tinha ainda, tido dinheiro para comprá-la. Eu disse para minha mulher: não perca a esperança que daqui a pouco a gente vai ter o dinheiro para comprar essa casinha. Seis meses depois eu tinha o dinheiro para dar entrada numa casinha não diferente da casa que moram muitos de vocês, com 2 quartos, cada um com 2x3. Muitas vezes ficava difícil colocar o guarda-roupa e a cama dentro do mesmo quarto.

Mas era o maior orgulho da minha vida ter conseguido aquela casa, como eu sei que é o orgulho de todos vocês poderem ter a sua casa e dar tranquilidade à família de vocês. Morar perto de uma escola, perto de um supermercado, num lugar em que vocês possam viver condignamente. Mas mais importante, eu sei, é a importância que vocês dão ao emprego que têm. E essa é uma tarefa e uma obsessão que nós vamos perseguir até o último dia do Governo e, porque não dizer, até o último dia da nossa vida.

O que dá dignidade a um ser humano não é receber um favor do Estado,



o que dá dignidade a um ser humano, seja homem ou mulher, é trabalhar e, com o resultado do seu trabalho, receber o seu salário e poder comprar para si e para sua família as coisas que necessitam, sem precisar ficar na fila de uma prefeitura, do governo estadual ou do governo federal, às vezes por horas e horas, esperando um favor do poder público.

Enquanto a sociedade for dependente, nós teremos pouco orgulho de estarmos sendo governantes nas nossas cidades, nos nossos estados e nos nossos municípios.

Queria dizer aos trabalhadores da Fiat que essa visita para mim, hoje, é histórica. Ela é histórica, não porque seja a primeira vez que eu venho à Fiat, pois já conheço muito de perto as linhas de montagem da indústria automobilística brasileira, que é histórica, mas porque eu pude comprovar que é verdade que a Fiat tem investido em tecnologia; é verdade que a Fiat é uma empresa que está em vários países do mundo; é verdade que a Fiat é uma empresa que produz produtos de qualidade. Mas eu queria dizer que é verdade também que, em poucos lugares do mundo, a Fiat encontrou uma classe trabalhadora com a dedicação e a competência dos trabalhadores brasileiros.

Eu duvido que haja algum país do mundo onde os trabalhadores tenham a paixão pelo que fazem, como os trabalhadores brasileiros.

Eu, esses dias, em Genebra, participei de uma reunião com 224 empresários de mais de 24 países. E ouvi o depoimento de um empresário de uma empresa multinacional no Brasil. No discurso que fez, ele fez questão de ressaltar que nem no país dele, que é um país de primeiro mundo, os trabalhadores tinham a capacidade de produzir produtos de qualidade, de competitividade, e com a capacidade de produção que ele tinha na sua fábrica, no Brasil.

Quando eu entrei aqui, conversei com os três representantes dos trabalhadores que me esperavam, e senti que cada vez que eles olhavam para um carro na linha de montagem e falavam daquele carro, eles estavam falando



de uma coisa que tinham ajudado a produzir, que tinha o dedo deles. Muitas vezes ele não pôde dedicar ao seu filho o tempo que ele tinha dedicado para construir aquele carro. E daí o orgulho de saber que o seu trabalho não foi em vão. Certamente muitos não conseguiram, ainda, comprar um carro que produzem, mas, se Deus quiser, haverá um dia em que todos os trabalhadores brasileiros poderão comprar o resultado da sua produção, porque um carro não pode ser um artigo de luxo, tem que ser um instrumento de trabalho para facilitar a vida das pessoas em cidades que, muitas vezes, dificultam o nosso dia-a-dia.

Quero terminar dizendo que a Fiat deu hoje, aqui, uma demonstração e, ao mesmo tempo, uma lição para uma empresa que, mesmo sendo originária da Itália, está ficando cada vez mais mineira. E daqui a pouco vamos encontrar um italiano da Fiat, no centro de Turim, falando “uai”, falando “trem”, falando palavras que são próprias da cultura do nosso povo mineiro.

E queria terminar dizendo à Direção da Fiat e aos trabalhadores, que estes me reivindicaram duas coisas, pelo menos uns dez deles: “Presidente, é preciso voltar a reduzir o IPI para a gente vender mais carros, é preciso, também, reduzir os juros para a gente vender mais carros.”

No ano passado, me parece que no mês de agosto ou setembro, nós fizemos uma reunião com a indústria automobilística e resolvemos reduzir o IPI para que a gente pudesse vender mais carros. Depois, renovamos até março. Agora venceu e não foi renovado.

Eu me lembro que em 1992 a indústria automobilística estava numa crise aqui, no Brasil, e nós lá no ABC paulista, através do movimento sindical, fizemos um dos mais importantes acordos para recuperar a capacidade produtiva da empresa e para manter os empregos dos trabalhadores. Foi um acordo em que os governos estaduais abriram mão de um percentual do imposto. O governo federal abriu mão de um outro percentual do imposto, a empresa reduziu um pouco o preço do carro e, ao mesmo tempo, a empresa



deu estabilidade aos trabalhadores enquanto perdurasse o acordo.

Um acordo como esse pode ser feito e o Governo estará totalmente aberto para convocar outra vez a indústria automobilística e ver que tipo de política podemos adotar para facilitar, não apenas a venda do carro, mas para garantir que as empresas contratem mais trabalhadores e trabalhadoras para que a gente possa gerar os empregos necessários neste país.

Eu tenho a certeza de que o Estado não perde, a União não perde, os municípios não perdem e, na verdade, todos ganham, porque as empresas vão produzir, os trabalhadores vão ter emprego e os estados vão arrecadar mais por conta da quantidade de carros que for vendida no mercado interno.

Essa é uma coisa que nós poderemos fazer. Estão aqui os nossos ministros do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e o do Trabalho, que têm interesse, e eu tenho certeza de que o conjunto do Governo tem interesse em fazer isso.

A questão dos juros é uma questão mais delicada. E por que delicada? Porque o Brasil está acostumado a viver com uma inflação razoavelmente alta desde 1964. E nós resolvemos fazer com que a inflação não desaparecesse definitivamente, mas que não fosse a grande vilã do poder aquisitivo da classe trabalhadora brasileira.

Resolvemos controlar a inflação e, para controlar a inflação, nós temos alguns instrumentos que poderemos utilizar. Um instrumento é a taxa de juros, que pegamos alta e mesmo estando alta, hoje, é importante a nenhum crítico esquecer que é a mais baixa taxa de juros dos últimos dez anos no país.

Alguém poderia perguntar: “existe outra fórmula?” Existe, mas os trabalhadores não gostariam que eu as colocasse em prática. Porque uma forma para fazer com que os juros baixem e a inflação não volte, é a gente reduzir as alíquotas para produtos importados, que são similares aos produtos que aumentarem de preço aqui dentro. E se nós fizermos isso, os trabalhadores irão me procurar e dizer: “presidente, a nossa fábrica está



mandando trabalhadores embora porque o senhor está reduzindo a alíquota dos produtos importados.” Então não é uma medida fácil.

A outra medida, que eu poderia fazer, era controlar o preço e todo mundo sabe que ao controlar preços, a gente termina pagando muito mais caro porque o mercado paralelo aumenta muito o preço e a vítima passa a ser, outra vez, o trabalhador.

Eu quero dizer para vocês uma coisa: a redução de juros neste país não se dá por qualquer coisa, ela se dará cada vez mais forte na medida em que o nosso país conquiste credibilidade, interna e externamente; na medida em que os investidores perceberem que o Governo não fala uma coisa à noite e faz outra de dia, mas é um Governo que fala e cumpre cada palavra que falou para o país e para os investidores.

Eu dou sempre um exemplo para as pessoas mais humildes entenderem. Se um companheiro aqui, dentro da fábrica, vai pedir 100 reais emprestados para o chefe – porque na fábrica a gente pede dinheiro emprestado, porque o chefe normalmente ganha um pouco mais que a gente, e quando estamos pendurados, vamos pedir para o companheiro nos emprestar um dinheirinho – então, muitas vezes, o chefe fala para o trabalhador: “Olhe, eu te empresto 100 reais, mas você terá que me pagar 150 reais”. Se não fosse o trabalhador que fosse pedir para o chefe, mas o senhor Giuseppe Morchio, ele pediria os 100 reais emprestados e iria falar para o chefe: “Quanto eu vou pagar de juros?”. O chefe iria falar: “Não precisa pagar nada, me devolva quando você puder”. Mas para o trabalhador comum, o chefe vai falar: “Olha, eu te empresto 100, mas me devolva 150 reais daqui a vinte dias.” Por quê? Porque é uma questão chamada credibilidade.

Ele sabe que o Guiseppe tem muito mais que ele e, portanto, sabe que ele poderá pagar. Para o trabalhador ele fala: “E se esse companheiro for mandado embora amanhã e não voltar mais aqui na Fiat? Eu terei perdido os meus 100 reais.”



A situação do Brasil é a mesma coisa. Por que o juro é alto? Porque o Governo perdeu a credibilidade há muito tempo. Perdeu tanta credibilidade que quando ninguém mais queria comprar mais títulos do Governo, ele, para vender esses títulos, dolarizou parte da dívida interna. E aí as pessoas compravam os títulos e o Governo tinha que pagar no valor do dólar. E isso asfixiou o Brasil. Agora nós temos que desasfixiar o país, para que ele volte a crescer como está crescendo este ano. Para que o Brasil volte a gerar empregos e para que as indústrias voltem a produzir na sua capacidade total.

A Fiat está produzindo alguém daquilo que ela pode produzir. E, para nós, o que interessa não é uma fábrica produzindo 70% do que pode produzir, nós queremos que essa fábrica produza 100%. E se puder, produza até um pouco mais de 100%, para que a gente possa construir uma nova planta, produzir mais carros, gerar mais empregos e mais riqueza. É este o Brasil que nós queremos construir e, certamente, é este o Brasil que nós vamos construir.

Eu queria terminar dizendo para vocês o seguinte: eu fui pego aqui, dentro da Fiat, com uma notícia desagradável. Fiquei sabendo que na portaria havia milhares de pessoas pobres, que foram pegadas de surpresa, à noite, com um panfleto apócrifo, daqueles cujo cidadão que fez é tão covarde que não teve coragem de colocar o nome, dizendo que eu vinha aqui, na Fiat, só para distribuir cesta básica ou cartão Bolsa Família, para as pessoas pobres. Por que eu fiquei magoado? Eu não fiquei magoado porque a pessoa contou uma mentira a meu respeito, eu fiquei magoado porque, seja homem ou mulher que tenha feito isso, seja de algum partido ou não, seja de sindicato ou não, nenhuma pessoa, por menos que possa gostar do governador, do prefeito ou do presidente, tem o direito de brincar com o sentimento de mulheres e crianças que são pobres neste país.

Pessoas que agem dessa forma são aquelas que não perceberam que o mundo mudou, que não perceberam que muitas vezes falar a verdade é duro, mas é melhor falar a verdade do que contar uma mentira. E eu sempre digo



que parte da desgraça do nosso povo é dada pela quantidade de mentiras que ao longo da vida se contou para este povo.

Vocês me conhecem e sabem que durante toda a minha vida eu prefiro dizer um não na cara de um companheiro, que saía bronqueado comigo, do que contar uma mentira para deixá-lo feliz por alguns minutos.

Eu aprendi isso com a minha mãe, que morreu analfabeta, e este foi o grande legado do qual não abrirei mão, porque não é possível se brincar com o sentimentos de inocentes e, muito menos, se brincar com o sentimento de pessoas que têm mais necessidades do que nós.

Eu quero agradecer a vocês. Pedir desculpas pelo desabafo, mas dizer que, no Brasil, este ano, nós vamos atender 6,5 milhões de famílias pelo programa Bolsa Família e, até dezembro de 2006, vamos atender a totalidade das 11 milhões de famílias que vivem abaixo da linha da pobreza, dando para eles, não 22 reais como eles recebiam, em média, mas dando para eles 75 reais, em média, para poderem comprar o que comer.

Esse compromisso não é um compromisso de um presidente, é um compromisso de um cidadão que sabe o que é uma criança acordar sem ter um copo de café com leite e um pão com manteiga para comer; que sabe o que é, na hora do almoço, uma mãe olhar para o fogão e não ter nada para colocar para os seus filhos comerem. Este é um compromisso mais ético, mais cristão, mais moral do que o compromisso de um presidente da república.

Por isso meus companheiros, muito obrigado a todos vocês. Obrigado à Direção da Fiat por tudo que está fazendo pelos trabalhadores.

Mais uma generosidade da Fiat. A Direção da Fiat está pedindo para eu anunciar que vai distribuir cesta-básica para essas pessoas que estão lá fora.

Mais uma vez, meus parabéns à Fiat.

/rss/cms